

FENOMENOLOGIA DO LUGAR POÉTICO NO IMAGINÁRIO ARBÓREO DO PARQUE DO FLAMENGO

Phenomenology of the poetic place in the tree imaginary Flamengo Park

Jorge Crichyno¹

RESUMO

O tema tratado nesta pesquisa refere-se ao lugar poético do imaginário arbóreo e suas repercussões e ressonâncias na paisagem, buscando elucidar a componente arbórea enquanto potência imaginal. Na perspectiva de compreendermos essa diversidade de sentidos, o trabalho investiga a presença das árvores no Parque do Flamengo - Rio de Janeiro, desvendando os significados simbólicos e os elos que se estabelecem com os sujeitos, configurando assim uma fenomenologia poética do lugar arborescente. O caminho pelo qual desenvolve-se este trabalho é a análise de fontes poéticas (poemas), que abrangem as obras de três poetas nacionais: Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade e Manoel de Barros, promovendo um material reflexivo para a identificação de estruturas imaginantes ou seja, os dinamismos indutores da imagem-árvore. O principal aporte teórico-conceitual e metodológico é dado pela obra de Gaston Bachelard e de Martin Heidegger, a partir dos quais se pretende explorar a árvore enquanto imagem poética e do lugar no habitar, considerando-os como base constitutiva do imaginário arbóreo urbano existente no Parque do Flamengo.

Palavras-chave: Lugar Poético. Imaginário Arbóreo. Parque do Flamengo.

ABSTRACT

The theme addressed in this research refers to the poetic place of the tree imaginary and its repercussion and resonance in the city landscape, seeking for elucidating the tree component as an imaginal potency. In the perspective of understanding this diversity of meanings, the work investigates the presence of trees in the Flamengo Park - Rio de Janeiro, unveiling the symbolic meanings and the links that are established with the subjects, thus configuring a poetic phenomenology of the arborescent place. The way in which this study is developed is through the analysis of poetic sources (poems) that cover the works of three national poets: Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade and Manoel de Barros, providing the reflective material for the identification on the imagining structures, in other words, the dynamisms inductors of the image-tree. The research's main theoretic-conceptual and methodological support is Gaston Bachelard's work and Martin Heidegger, from which one intends to explore the tree as a poetic imagery of the dwell in place, considering it the constitutive basis for the tree imaginary existing in the Flamengo Park.

Keywords: Poetic Place. Tree Imaginary. Flamengo Park.

¹ Professor Doutor da Escola de Arquitetura e Urbanismo (EAU) da Universidade Federal Fluminense (UFF). jorgecrichyno@hotmail.com

✉ Rua Passo da Pátria, 156, São Domingos, Niterói, RJ. 24210-240.

INTRODUÇÃO

Um dos maiores representantes da natureza nas cidades são as árvores, por sua presença na paisagem e pelo elo natural que estabelecem com os sujeitos. A presença das árvores na cidade é uma forma de reaproximar os sujeitos da natureza aliando o prosaico ao poético, retomando a ligação existente desde seus ancestrais.

Segundo Bachelard (2001), a busca da imersão na dimensão fenomenológica da árvore na cidade possibilita entender que toda imagem poética nasce a partir de “uma cooperação entre a imaginação das formas e a imaginação material dos sujeitos” (BACHELARD, 2001, p.4)².

Bachelard considera que um observador só compartilha do entusiasmo de uma cidade por intermédio de imagens poéticas que nele repercutiram. A linguagem poética possibilita lidar com a linguagem científica, de modo que, a dimensão poética constitua uma referência que expressa a verdade do “Ser”. A linguagem poética constitui a possibilidade da experiência do desvelamento dos fenômenos e sua relação com o “Ser-Mundo”, evocando ou modificando nossa relação com o mundo da percepção e da ação.

Pelos caminhos da imaginação, as forças oníricas e as pulsões inconscientes nos conduzem para uma fusão com as coisas, de modo a pertencer e habitar o mundo. A imaginação torna-se então prospectiva, agenciando “a aventura da percepção” e o devaneio proporciona a abertura ao mundo e nos faz habitar o mundo. “Todo o espaço realmente habitado traz a essência da noção de habitar, aconchego acolhedor da casa” (BACHELARD, 1978, p.55). Portanto,

² Bachelard distingue em toda obra poética, dois tipos de impacto sobre a nossa consciência: a **ressonância** que é o resultado da exuberância da obra e que atua sobre nossos afetos e emoções e; a **repercussão** que opera em camadas mais profundas do “Ser”, que nos emociona provocando verdadeira transformação em nós.

as imagens que emergem do devaneio humano constituem valores a partir dos quais nós somos criados. Para Bachelard “a imagem tem dupla realidade: uma psíquica e outra física” (BACHELARD, 2001, p.5).

Neste sentido, o poeta pode reestabelecer uma ligação entre os sujeitos e o lugar através do devaneio poético da árvore como símbolo urbano, estabelecendo na obra de arte uma relação de pertencimento, uma espécie de enraizamento do sujeito com o lugar na paisagem urbana, resgatando um sonho devaneador dos elos orgânicos entre sujeitos e sua cidade.

Assim, este artigo enfoca a árvore como lugar poético, buscando compreender a participação do elemento arbóreo como **potência imaginal** na paisagem de nossas cidades. O interesse para escolha deste tema surgiu da reflexão de que as árvores possuem um valor como (con)figuradora simbólica do lugar urbano. Para o desenvolvimento desta pesquisa, é importante identificarmos o significado simbólico e poético da imagem-árvore para os sujeitos.

O conceito de **potência imaginal** relaciona-se a eventos, de uma realidade que lhe é própria, situada em outro nível que o dos eventos do mundo exterior. Situado no limiar entre a percepção e o intelecto, afina-se com as duas constituições, a matéria e a substância intangível, sem, no entanto, pertencer a nenhuma das duas. Esse termo termina por ser mais preciso do que o termo **imagem**, pois envolve muitos significados.

Acreditamos que para melhor compreendermos o imaginário arbóreo como lugar na paisagem urbana, faz-se necessário a sua discussão, através do estudo do **complexo imagético** que o compõe. Compreendemos por **complexo imagético** da árvore o sistema das imagens arbóreas de origem virtual em nossa interioridade: memoriais, simbólicas, poéticas e imaginais que compõem o imaginário arbóreo.

Desse modo, trabalhamos aqui supondo a premissa de que a análise e interpretação de fontes poéticas (poemas) podem elucidar e revelar

os dinamismos indutores do imaginário arbóreo urbano, a partir dos significados e valores simbólicos na fenomenologia das estruturas imaginantes da árvore como lugar poético no Parque do Flamengo.

Como perspectiva metodológica para esta incursão no imaginário arbóreo, utilizamos a análise de fontes poéticas oriundas da literatura (poemas), esperando encontrarmos uma vertente da arborização urbana da cidade do Rio de Janeiro, com foco específico de análise sobre o Parque do Flamengo. Esta vertente pode desvendar novos olhares, mais profundos e reveladores da árvore como lugar poético urbano para os sujeitos.

A partir do processo reflexivo gerado pela análise de fontes poéticas, lançamo-nos na tarefa de identificar o imaginário arbóreo na (con)figuração simbólica de lugar dos espaços livres públicos que compõem o Parque do Flamengo, a partir da perspectiva de estudar a formação das **estruturas imaginantes** do vegetalismo arbóreo propostas por Murad (1997) e estudadas por Farah (2008), fundamentadas por sua vez na fenomenologia de Gaston Bachelard e nas concepções filosóficas de Heidegger. No âmbito desta pesquisa, são estudadas referências teórico-conceituais de valoração ontológica, de forma a buscar uma compreensão da imagem-árvore em paisagens urbanas.

A questão central que norteia este estudo é buscar a compreensão do papel do imaginário arbóreo urbano nas modulações do lugar poético dos sujeitos no Parque do Flamengo, em suas expectativas e necessidades de vivenciar a cidade e sua paisagem.

Resgatamos então, os fenomenólogos e, na procura pela compreensão dos fundamentos da fenomenologia como ciência encontramos diversos geógrafos humanistas culturais, que a partir da década de 1950, trouxeram estas reflexões filosóficas para a Geografia.

Segundo Jean-François Lyotard (s.d.), a fenomenologia considera que toda ciência se inicia estabelecendo “uma rede de essências,

obtidas por variações imaginárias, que serão depois confirmadas por variações reais: as experimentações” (LYOTARD, apud HOLZER, 2010, p.46)³.

Nesta perspectiva de concepção fenomenológica, nos apoiamos em Bachelard (1960) que desenvolveu uma metodologia, ainda inovadora, que possibilitam um tratamento mais sensível da postura científica. Seu aporte teórico apresenta-se como um caminho para investigação do significado profundo dos objetos, entre os quais o que nos interessa no caso de nossa pesquisa, o estudo do lugar poético no imaginário arbóreo. A obra desse autor influenciou no estudo do imaginário através de textos poéticos, que se expande para o tratamento de valores e significados urbanos, pois faz uso da literatura no intuito de captar a essência do pensamento do autor e seus mais profundos significados na criação da imagem poética.

A ótica da fenomenologia do imaginário delimitada por Gaston Bachelard utiliza dos recursos fenomenológicos para pesquisar o mundo estético a partir do que denominou “a fenomenologia da imaginação material”. Este filósofo da ciência realizou a “poético-análise” dos quatro elementos constituintes da *phýsis*: água, ar, terra e fogo, denominando tal dialética do pensamento de “imaginação da matéria”. A partir de textos literários poéticos, realizou a cartografia dos movimentos da imaginação, lançando a premissa de que tais recursos estariam ancorados nas raízes da materialidade do mundo.

Na Literatura, os poetas e os poemas “falam do limiar do ‘Ser’ e, é capaz de revelar a verdade do seu íntimo” (BACHELARD, 2004, p.2), traduzindo o valor que está ao seu redor, como o significado de um elemento da paisagem para os sujeitos – a árvore.

³ Para David Cerbone, a palavra “fenomenologia” significa “o estudo dos fenômenos, onde a noção de um fenômeno e a noção de experiência, de um modo geral, coincidem. Portanto, prestar atenção à experiência em vez de àquilo que é experienciado é prestar atenção aos fenômenos” (CERBONE, 2013, p.13).

Ao expressar a capacidade de apreender e transmitir os mais diversos sentimentos dos sujeitos e dos grupos sociais, o poeta e o poema nos ensinam sobre o nosso próprio modo de ser e de nos relacionarmos com os outros. A Literatura, em especial o poema, não apenas produz (re)apresentações através de obras poéticas sobre as transformações da urbe, como também revela seus sonhos, desejos e utopias.

Assim, em termos da escolha de autores poéticos, que possibilitaram a investigação da pesquisa do imaginário dos sujeitos e suas relações com o lugar poético através do significado da árvore no contexto urbano da cidade do Rio de Janeiro, três poetas brasileiros foram adotados: Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade e Manoel de Barros, em cujos poemas o tema árvore encontra-se presente de forma recorrente. Como critério de eixo de escolha, foram escolhidos autores de destaque, com obra poética consistente e sensibilidade no tratamento do elemento vegetal, especialmente, no que se refere à observação dos aspectos urbanos e das árvores.

O recurso à Literatura e às Obras Poéticas constitui um material de grande riqueza no estudo do imaginário arbóreo urbano. Por isso, para nós é importante trilharmos uma aventura poética sobre o imaginário arbóreo dos sujeitos no Parque do Flamengo, buscando estudar o poema a partir de uma ontologia criadora e atingir o contexto sociocultural por intermédio da imagem árvore.

E ao percebermos sobre a importância do poema e do poeta na configuração e na (re)apresentação do imaginário arbóreo como lugar poéticos dos sujeitos no Parque do Flamengo, deparamo-nos com um paradoxo: a relevância do Amor que precede a palavra poética ou prosaica, pois é pela palavra que os sujeitos expressam a verdade do “Ser”, também a ilusão e a mentira que podem circundar ou construir o Amor.

Temos como exemplo, o estudo aqui proposto: o amor às árvores e seu imaginário no lugar poético que se expressa através do poema (estado de devaneio poético). O poema como transformação da concepção de mundo (lugar) pelo simbolismo arbóreo.

ÁRVORE COMO LUGAR POÉTICO NO PARQUE DO FLAMENGO

Desde os mais remotos tempos, a imagem-árvore foi usada sempre como símbolo do crescimento interior dos sujeitos. Há entre nós e as árvores uma espécie de secreta afinidade, pois somos parecidos e temos a mesma estrutura. A árvore que um dia crescerá, já está contida em estado de potência na semente. Nós também carregamos em estado germinal, no fundo do inconsciente, aquilo que podemos vir a ser. Elas nos refletem como espelhos – não a aparência exterior, mas o lado desconhecido de nossa alma.

A árvore foi introduzida nas cidades, principalmente, como um símbolo de civilização e de urbanidade. Vários paisagistas e urbanistas têm utilizado árvores em seus projetos urbanos com esse sentido e também com a intenção de embelezamento estético. Porém, a árvore não se atém somente a isso, ela transcende ao significado que o urbano lhe impõe. Seus significados intrínsecos, que são universais, suplantam essa ideia inicial, e avolumam-se no contexto urbano. Tudo isso se revela através da essência da árvore, que se multiplica em valores sociais e urbanos.

No Brasil, temos com o paisagista Roberto Burle Marx a atuação profissional do artista da paisagem que capta a essência do vegetalismo espacial e, em cujos projetos, muitas das questões do significado arbóreo se pronunciam. Dentre suas obras destacamos o projeto do Parque do Flamengo, no qual sentimos o reforço do elemento arbóreo na sua capacidade de interação com os sujeitos e como elo entre estes

e a cidade. A árvore em seus projetos se consolida como elemento de agregação, indutor de sensações e devaneios pela pluralidade de valores e significados simbólicos.

Percebemos na concepção paisagística burlesca, que a árvore acumula em sua matéria as marcas do tempo e com o seu poder acentuado de adaptabilidade, revela sabedoria e suplanta o cosmos. Neste sentido, entendemos que o significado simbólico de lugar pode encontrar manifestação cultural com a presença das árvores num projeto paisagístico urbano, como é o caso do Parque do Flamengo (Figura 1).

No Parque do Flamengo, as observações de campo nos possibilitam perceber um espaço de afetividade e estímulo à imaginação e à ação. Nos seus diversos lugares, a apropriação das árvores pelos sujeitos desenvolve-se a partir de suas expectativas pessoais, suas fantasias, sem distinção de



Figura 1: Vista aérea do Parque do Flamengo.
Fonte: Acervo Fotográfico do Arquivo Geral da Cidade, 2011.

idade ou grupo social. Ler a cidade e, no caso específico do estudo da fenomenologia da árvore como lugar poético no parque através das imagens e de (re)representações contidas em obras poéticas, pode nos revelar detalhes de sentimentos e emoções vividos ou desejados pela sociedade e captados pelo olhar do poeta.

Muito dos valores e significados das árvores urbanas presentes no imaginário do parque e da cidade podem ser presentificados a partir de textos, imagens e poemas que alguns sujeitos, com seus olhares aguçados e sensibilidade singular, foram capazes de apreender em suas observações. Segundo Sansot, os poetas são capazes de captar “magneticamente esses apelos de liberdade, essas origens de universo, essas derivas de sentido” (SANSOT, 1983, p.65). Essas características que emanam de cada lugar possibilitam elegermos uma paisagem dentre as muitas disponíveis em torno de um lugar, de acordo com a nossa imantação singular.

Bachelard, em sua obra “A Poética do Espaço”, destaca a importância do lugar e da paisagem filtrada na “árvore”, analisando o poeta Rilke, nos revela a seguinte declaração:

[...] se eu jamais pudesse numa vasta coleção reunir todas as imagens do ‘Ser’, todas as imagens múltiplas, cambiantes que ilustram a permanência do ‘Ser’, a árvore rilkiana abriria um grande capítulo em meu álbum de metafísica concreta (BACHELARD, 1978, p.62).

A árvore reuniria assim todas as imagens do “Ser” e, conseqüentemente, quando se fala em árvore, se pensa na possibilidade da potencialidade do “Ser”.

Então, a criação poética de origem iconográfica se apresenta como uma fonte interessante para o estudo do imaginário arbóreo.

O enfoque de que a obra poética é capaz de revelar no imaginário uma face oculta da realidade, nem sempre óbvia, delega à iconografia uma função não apenas como referência histórica, mas reveladora dos significados e símbolos contidos nela.

Jussara Gruber (1997) aponta para o fato de textos (prosaicos e poéticos) e imagens terem a capacidade de fixar concepções do real e do imaginário, revelando, além dos conhecimentos práticos, valores simbólicos e inspirações poéticas. Segundo Bachelard, a obra poética toca primeiramente as profundezas, antes de emocionar a superfície. A busca da imagem pura revela a essência do objeto expressando a imagem poética, desvenda-se em sua pureza e seu ineditismo antes de misturar-se à nossa memória, aos nossos fluxos de vivência, aos nossos valores culturais. Por isso, ela se mostra no nosso estudo de caso, como um caminho para acessarmos a essência das árvores e suas nuances.

Pocock (1981), ao relacionar a obra poética com os estudos geográficos, considera a importância da natureza da investigação e dos aspectos das experiências ambientais como partes da condição humana e sua relação com o lugar⁴.

Mediante estas experiências narrando situações do “mundo-da-vida cotidiana” e do relacionamento sujeito-paisagem, encontramos desde os seus aspectos mais descritivos, como a fisionomia geográfica dos lugares, até as complexas relações e interações envolvendo aspectos mais subjetivos e profundos com o espaço. Assim sendo, a Geografia encontra vários pontos de tangência que lhes desperta o interesse para o material oriundo da Literatura, com um recurso adicional em suas pesquisas e estudos interativos entre os sujeitos e o ambiente.

⁴ Pocock (1981, p.15) destaca que o ponto de partida é “o conhecimento da percepção do próprio poeta, uma vez que, ao articular as visões interna e externa sobre lugares, promove as bases para o reconhecimento de uma nova percepção, uma nova consciência, isto é, um novo *insight* sobre a realidade da paisagem”.

O estudo destas relações entre a Geografia e a Literatura amplia-se, quando analisamos estes espaços como geradores de situações psicológicas e sociais, ao serem escolhidas pelos próprios sujeitos, conforme suas preferências pessoais ou pelos atrativos do lugar. Nestes casos, onde o elo é efetivo com a paisagem é percebido e estabelecido de diferentes ângulos, encontramos inúmeros exemplos literários, constituindo assim uma fonte de material para inquirição geográfica.

Segundo Oliveira e Marandola Jr. (2013, p.122), “pensar a relação Geografia-Literatura não é apenas aproximar dois campos do conhecimento. Envolve aproximar duas visões de mundo que, enquanto tais, possuem suas especificidades, virtudes e limitações”.

Desta forma, podemos notar a percepção da realidade da vida dos sujeitos nos diversos lugares, constituindo uma das fontes presentes nos textos prosaicos e poéticos. O imaginário e a própria percepção da realidade são, na Literatura, os responsáveis por verdadeiros caleidoscópios de experiências humanas com o ambiente. Por intermédio da criação da imagem literária, os poetas têm o poder de influenciar, direta ou indiretamente, a construção de imagens mentais pelos leitores sobre determinados lugares da paisagem, ou ainda, influenciar suas atitudes ou condutas em relação ao ambiente, promovendo até mesmo uma nova consciência nestes sujeitos.

O conhecimento dos lugares, ainda que somente de modo conceitual, adquirido pela leitura de obras poéticas, não deixa de ser uma forma de experienciar os lugares na paisagem. Nossa visão a respeito desses lugares passa a se associar com a visão do poeta e permite que nossa consciência seja aguçada, renovada pelo conhecimento recém-adquirido. Por meio desta nova percepção, criamos uma sensibilidade para os lugares descritos e/ou vividos, baseada na informação e na emoção secundárias, mesmo que estas tenham pouca ou nenhuma significância visual e, que na maior parte

das vezes, passem despercebidas, ao estarem inseridas num contexto da paisagem mais amplo e de maior significado.

Yi-Fu Tuan (1974), ao descrever sobre os laços afetivos com o lugar, isto é, o sentimento de topofilia, discorre sobre alguns pontos relativos aos mundos pessoais de cada um de nós e também sobre as diferenças e preferências particulares envolvidas. Ao comentar a respeito das possíveis relações entre nossos traços e personalidade e temperamento com certas habilidades especializadas, tais como a visualização espacial, da orientação no espaço com capacidade matemática e com a linguagem, este autor ressalta a importância destas relações na estruturação do mundo (lugar). Assim para Tuan, “a literatura, mais do que os levantamentos das ciências sociais, nos fornece informação detalhada e minuciosa de como os sujeitos percebem seus mundos” (TUAN, 1980, p.56-57).

Este autor chama a atenção para a importância do recurso literário relacionado aos estudos da percepção, atitudes e valores ambientais e, considera que o sentimento topofílico é encontrado nas diversas expressões da Arte, servindo a Literatura como um veículo, por excelência, para a transmissão das mais intensas experiências dos sujeitos com o lugar. Tuan considera que os poetas, frequentemente, conseguem captar o espírito de um lugar, através de suas sensíveis habilidades para descrever a paisagem local.

Ele nos mostra que uma das funções da Literatura é justamente despertar a atenção dos sujeitos para determinados lugares na paisagem que, sem o destaque dado pela arte literária, não seriam notados ou percebidos. Por meio dos textos prosaicos e poéticos, a visibilidade de alguns lugares estende-se e amplia-se fundamentada na humanização de sua paisagem, no seu caráter afetivo e simbólico.

Deste modo, algumas formas de expressão literária, em textos prosaicos ou poéticos, constituem, não apenas genuínos legados da

comunicação artística humana, que contribuem para o estado de devaneio poético⁵.

É o estado de devaneio poético, do qual já nos referimos anteriormente, que permite que o poema repercuta em nós, levando-nos a um “estado de alma nascente”, e nos conduz a um mundo belo, onde todos os sentidos despertam e se harmonizam. Entrar em contato com estes “impulsos de imaginação” abre o caminho de experienciar o ato da criação poética da árvore com o lugar. Esse estado da alma permite entrar no âmago da profundidade das “coisas”, em contraponto à vida real que, como alerta Bachelard, “nos impulsiona para fora das coisas” (BACHELARD, 2001, p.71).

O devaneio, na sua “função irreal”, nos aproxima da realidade dos objetos, enquanto permite a irrealidade da vida, a fuga aos conceitos e à realidade pré-concebida, descerrando um espectro de criação e inovação. Para Bachelard “é preciso sonhar muito diante de um objeto para que este determine em nós uma espécie de órgão onírico, comprometendo um sentido de fidelidade ao objeto devaneado” (BACHELARD, 2004, p.60).

Este devaneio não constitui um fenômeno de relaxamento e de abandono da consciência do sujeito, pois o devaneio operante não é um devaneio “sonolento”, um estado crepuscular do “Ser”, ele se assemelha ao de uma “meditação devaneadora” e implica um aguçamento da consciência do sujeito através da dimensão poética.

A vida ativa, impregnada em função da realidade fragmentada, nos coloca constantemente no exterior das coisas, em que tudo se torna superfície, escondendo suas profundezas. O devaneio nos faz habitar o mundo, consiste num estado real que condensa a vida e proporciona nosso despertar.

⁵ Tuan considera que “muitos lugares, altamente significantes para determinados sujeitos e grupos sociais, têm pouca notoriedade visual, são conhecidos emocionalmente, e não através do olho crítico ou da mente. Uma função da arte literária é dar visibilidade a experiências íntimas, inclusive às de lugar” (TUAN, 1983, p.180).

Graças à atividade poética, o *cosmos* torna-se acompanhado como alma poetizada. O poeta conta ao mundo o *mýthos* do próprio mundo. Na perspectiva do devaneio cósmico Bachelard afirma: “nada é inerte, nem o mundo nem o sonhador, tudo vive uma vida secreta. O poeta escuta e repete. A voz do poeta é uma voz do mundo. [...] palavras cósmicas, imagens cósmicas tecem vínculos do sujeito com o mundo” (BACHELARD, 2001, p.180).

Assim, Bachelard (1960) mostra que “o devaneio, ao contrário, é a abertura do mundo. As imagens que emergem do devaneio são valores a partir dos quais nós somos criados” (BACHELARD, 1960, p.144). Deixemos agora nosso devaneio seguir a essência do imaginário arbóreo, pois a árvore é um ser que o sonho profundo nos remete para um onirismo profundo. Na afirmação do poeta latino, Horácio, temos que: “o poema é uma imagem que fala, a imagem é um poema silencioso”.

A partir das reflexões trazidas pela análise das obras poéticas, procedemos à identificação das “estruturas imaginantes”, compreendidas por Carlos Murad “como estruturas provocadoras dos devaneios poéticos” (MURAD, 1997, p.105). No estudo da imaginação poética, esse autor aponta a existência de potenciais imagéticos primordiais que impulsionam o devaneio do criador poético.

O tema da árvore é tratado por Murad, explorando o seu papel no devaneio da imaginação do sujeito e na criação fotográfica, no sentido de buscar o seu significado mais profundo. Podemos ilustrar a força do devaneio da imaginação, na reflexão poética de Carlos Drummond de Andrade no seguinte poema:

A pessoa, o lugar, o objeto
estão expostos e escondidos

ao mesmo tempo sob a luz,
e dos olhos não são bastantes
para captar o que se oculta da árvore
no rápido florir de um gesto.

É preciso que a lente mágica
enriqueça a visão humana
e do real de cada coisa
um mais seco real extraia
para que penetremos fundo
no puro enigma das figuras.

Fotografia – é o codinome da mais aguda percepção
que a nós mesmos nos vai mostrando
e da evanescência de tudo edifica uma permanência [...]

(ANDRADE, 1985, p.63)

Apoiados na teoria e nas observações de campo, onde a imagem arbórea gera um espectro imagético diversificado, verificamos nesta multiplicidade a existência de estruturas imaginantes, indutoras da potência imagética árvore e seu rebatimento de ressignificação na paisagem urbana. No núcleo dessas estruturas encontram-se as nuances das imagens puras e descortinam-se os caminhos que podem nos revelar a essência do imaginário arbóreo e o seu significado na paisagem e no lugar vivenciado pelos sujeitos da cidade.

DEVANEIO E ESTRUTURAS IMAGINANTES ARBÓREAS NO PARQUE DO FLAMENGO

A imagem poética está sob o signo de um novo “Ser”. Esse novo “Ser é o homem feliz que devaneia através da imaginação” (BACHELARD, 1978, p.13). A fenomenologia da imaginação exige que possamos viver diretamente as imagens por intermédio do devaneio, que a

consideremos como acontecimentos súbitos do “mundo-da-vida cotidiana”. Portanto, “quando a imagem é nova, o mundo é novo e o fenomenólogo deve chegar ao extremo das imagens” (BACHELARD, 1978, p.62-63).

Com base no pensamento de Bachelard, lembramos que a questão central de sua Fenomenologia é a presença da imagem poética no poema como dinamizadora da apreensão imaginária e da geração incessante de novas imagens. “Uma presença fugidia que é ressentida no interior da repercussão do ‘Ser’ – geradora de um estado de plenitude qualitativa –, que tem ressonância na nossa imaginação e por isso tem sonoridade de Ser” (BACHELARD, 1978, p.7-8).

Entretanto, nada prepara a imagem poética, ela é a causal, pois ela não tem passado, a única exigência metodológica é segui-la na sua eclosão instantânea, “estar presente à imagem no minuto mesmo da imagem” (BACHELARD, 1978, p.1). A imagem poética porta o novo, a inovação, o não visto, a imagem de um possível não realizado.

Especialmente em seus estudos da Imaginação Criadora, Bachelard buscou “[...] entrar nesta zona de transição, onde a irrealidade inquieta a realidade e onde a realidade aprisiona o fantástico” (BACHELARD, 1978, p.103). Sua metodologia do imaginário está centrada na valorização do devaneio poético e no poder livre da imaginação de apresentar o mundo (lugar). A Imaginação atua nesta fase que antecede o pensamento, ela nos induz nesta origem pensante das coisas onde o devaneio introduz a percepção (presença do sujeito), já que “devaneamos antes de perceber” (BACHELARD, 1978, p.6).

Bachelard propõe integrar esta função irrealizante da Imaginação, especialmente seu poder de livre criação e associação de imagens, na nossa existência do mundo cotidiano, de viver plenamente a novação e o benefício desta metamorfose das imagens. Pensar o mundo (lugar) não mais como uma realidade em contínua mutação, que se instaura

a partir da experiência de um Ser “que alternativamente pensa e devaneia” (BACHELARD, 1978, p.121).

Devaneamos continuamente o mundo (lugar), porque na Imaginação o mundo é uma provocação de origem, uma vez que é a imagem de um envoltório primordial de um mundo outro. O devaneio é obra deste desejo de envoltório, de uma espacialização entre o sujeito e o lugar. Quando devaneamos, sempre espacializamos e criamos uma ambiência, um envoltório onde amaríamos estar.

O lugar é um espaço vivido em devaneio, onde o espaço criado é uma reação de nossa consciência imaginante, o devaneio poético sempre ignora a geometria racionalizante. “O lugar se elastece no plano imaginário, quanto mais variacional for a espacialização imagética de nossa imaginação, mais rico é o lugar criado” (BACHELARD, 1978, p.61).

Bachelard (1978), em sua obra “A Poética do Espaço”, nos revela em suas “topoanálises” de poemas uma constante de sua Fenomenologia da Imaginação: a ideia de topofilia. Portanto, as análises bachelardinianas tratam apenas de espaços amados, prazerosos, não considerando os espaços mórbidos, patológicos e religiosos⁶.

Este filósofo, que adotou o devaneio poético como meio de refletir a realidade e o ato de espacializar, pensa o tempo como uma celebração do instante, não um instante qualquer, mas um instante da imagem. Nada mais coerente para uma filosofia da Imaginação Criadora, para a qual “[...] toda a força do tempo se condensa no instante novador onde a visão se abre [...] nos dando no mesmo gesto a alegria e a razão” (BACHELARD, 1978, p.95). Um instante que é poético, que

⁶ Bachelard busca as imagens do Espaço Feliz – na sua abordagem, o Espaço é sempre uma louvação de Espaço, principalmente, porque no devaneio poético o espaço nasce de um maravilhamento antes de ser um dado perceptivo. O devaneio é feliz, já que “o Eu no devaneio não se opõe ao mundo (lugar), no devaneio não existe um não-Eu” (BACHELARD, 1978, p.144).

coloca o devaneador fora do tempo cronológico, fazendo-o viver a ambivalência de uma temporalidade vertical que contradiz a temporalidade horizontal do mundo (lugar).

Portanto, a metodologia bachelardiniana propõe ler poeticamente os poemas e viver poeticamente os objetos do mundo (lugar). Na paisagem urbana, acolher o poético e ter prazer com o poético, não significa criar poemas urbanos, significa exercer o prazer do “Ser Poetizador” como um “Ser” que cria novos lugares na paisagem. Uma distinção que nos faz compreender a importância da Imaginação Criadora no seu potencial de transgressão poética da nossa consciência. Consequentemente, da ação material desta consciência do mundo (lugar). O poema requer toda a emoção do poeta. Ele se nutre da interface entre o intelecto e a imaginação do poeta. Manoel de Barros (2015) considera que o poema é fenômeno da linguagem e não das ideias.

Todo um imaginário urbano se entrelaça nas diferentes experiências de apropriação e construção do lugar, na (con)figuração multifacetária das imagens da cidade, em especial, no que se refere às árvores urbanas.

Neste sentido, a consciência e a consistência indiscutível do “Ser no mundo” passa a ser um motivo real para tudo mais vir a acontecer. Mas onde nós, sujeitos, obtemos informações acerca da natureza do devaneio poético? Como afirma Martin Heidegger, “nós a recebemos do que diz a linguagem [...] quando e na medida em que respeitamos a própria natureza da linguagem” (HEIDEGGER, 2000, p.215). Assim, nessa perspectiva a linguagem poética pode ser considerada como expressão do embate Terra-Mundo.

Os esforços de Heidegger em desenvolver um trabalho arqueológico da linguagem, buscou resgatar o seu caráter poético, isto é, possibilitou

lidar com a sua essência. Como afirma Pöggeler (2001, p.36), “o devaneio poético é uma referência para a construção do pensamento que busca a verdade do ‘Ser’”, o poema é a maneira própria de doação do “Ser”. A linguagem do devaneio poético, dessa forma, é a linguagem da essência que fala da presença, desde a expressão mesma da (con)figuração do lugar.

Para Kenneth White (1992), a vocação do poeta e a importância do poema é a de se colocar diante do problema de expressar de maneira mais vívida e mais clara a inteireza da existência do “Ser”. Essa vocação requer, conforme diria Heidegger (2000), o mais fiel dos corações, ou seja, manter-se fiel àquilo que se nos é apresentado, àquilo que vem nos saudar e nos falar, de modo que a linguagem, quando poética, nunca excede àquilo que se mostra, ao contrário, vai sempre a seu encontro e mantém-se junto ao “Ser”.

A partir das reflexões trazidas pela análise das obras poéticas, o estudo do imaginário arbóreo no poema possibilita a identificação e a compreensão das “estruturas imaginantes como sendo estruturas desencadeadoras dos devaneios poéticos” (MURAD, 1997, p.105). No estudo da imaginação poética, o autor aponta a existência de potenciais imagéticos primordiais que impulsionam o devaneio do criador poético.

Apoiados nessa teoria e nas observações participantes e nos registros fotográficos realizados no Parque do Flamengo, partimos da premissa que a imagem arbórea é capaz de gerar um espectro imagético diversificado, verificando-se a existência de uma multiplicidade de estruturas imaginantes com relação ao lugar e aos sujeitos. No núcleo dessas estruturas encontram-se as nuances das imagens puras provocadas pelos dinamismos indutores da potência imagética da árvore e, conseqüentemente, seu rebatimento e ressignificação no contexto urbano.

Para o procedimento de identificação dessas estruturas imaginantes, utilizamos o método de convergência de significados, com base nos dinamismos imaginários propostos por Gilbert Durand (1997, p.43), empregando a metodologia no estudo das nuances das imagens-árvore. Com base nesse método, objetiva-se investigar as possíveis associações entre as imagens, por intermédio da forma como são estruturadas pelo “isomorfismo nos símbolos convergentes e em consideração aos diversos planos imagéticos em que operam” (DURAND, 1997, p.44).

Em outras palavras, estabelecemos como procedimento metodológico o escopo, no qual em paralelo à análise dessas estruturas imaginantes, são feitas reflexões sobre as apropriações das imagens-árvore no contexto das obras poéticas e da (con)figuração do lugar arbóreo no Parque do Flamengo.

Neste processo são evidenciados os dinamismos indutores da imagem poética (poemas), trazendo o foco sobre o imaginário arbóreo e o seu significado na paisagem da cidade do Rio de Janeiro, especificamente, no Parque do Flamengo.

Portanto, “as estruturas imaginantes são permeadas por dominantes relacionadas aos eixos naturais que regem o imaginário arbóreo, que são: 1. **dominantes cósmicas**; 2. **dominantes temporais** e 3. **dominantes espaciais**” (FARAH, 2008, p.77 - grifos no original). Estas estruturas imaginantes são agrupadas de acordo com a dominante mais fortemente relacionada à nuance da imagem-árvore e sua relação com o lugar e o sujeito.

Em relação à análise das **estruturas imaginantes**, as **dominantes cósmicas** e **dominantes temporais** são abordadas do ponto de vista estritamente conceitual, pois neste estudo vamos nos deter apenas às

dominantes espaciais, procurando identificar a relação lugar-árvore-sujeito a partir das reflexões inspiradas pela análise das fontes poéticas.

A partir da aplicação teórico-empírica das **estruturas imaginantes do complexo imaginal árvore** proposta por Murad (1997) e com base nas reflexões conceituais estabelecidas, vamos apresentá-las separadamente. Cabe ressaltar que, ao abordar determinada estrutura imaginante, tangenciamos outra. Do mesmo modo, as fontes poéticas (poemas) que nos servem como base de análise muitas vezes se relaciona a duas ou mais estruturas. A opção pela apresentação das estruturas agrupadas pelas suas dominantes objetiva facilitar a sua identificação e compreensão. De uma forma geral, as estruturas imaginantes são (re)presentadas pela nuance da imagem-árvore que lhes inaugura, com a análise dos conteúdos essenciais a elas associados.

Na primeira categoria encontram-se as estruturas cujas nuances da imagem-árvore se afinam com a matéria natural e cósmica. Na segunda categoria temos a imagem-árvore em suas nuances associadas à ideia abstrata do tempo, do “Ser-arbóreo” em seu compasso temporal. Finalmente, na terceira dominante, estão as estruturas que se associam ao meio espacial onde a vida se materializa e que remetem às espacializações de sua arborescência.

As **dominantes espaciais** constituem uma das nuances mais impactantes da essência arbórea e, portanto, uma estrutura imaginante das mais (re)presentativas, com forte sentido de positividade. O fato de que sua estrutura aparente é ascensional, isto é, dirige-se ao alto, é preponderante em seu arquétipo, mesmo se as raízes efetuam o movimento exatamente contrário, já que este é o seu movimento invisível, subliminar. As árvores em suas tipologias referentes às **dominantes espaciais** são aqui consideradas como: árvore subterrânea, árvore coluna e árvore abrigo.

ÁRVORE SUBTERRÂNEA: TERRA E RAÍZES DO LUGAR

As raízes correspondem ao grupo de imagens primárias capazes de se relacionar com quase todas as questões referentes à metafísica da imaginação. A partir das imagens das raízes, é possível explorar a alma humana, sentindo a vida subterrânea intimamente. No limiar entre o mundo do ar e da terra, ela pode ser vista como a que traz a terra aos céus, como a que trabalha entre os mortos. Considerada como imagem dinâmica, ela é a árvore misteriosa, a árvore subterrânea, inversão imaginária do lugar que, como “um espelho opaco [...] duplica toda a realidade aérea como uma imagem subterrânea” (BACHELARD, 2001, p.325).

As raízes são um tema à parte no que concerne ao imaginário das árvores. No subterrâneo, elas empenham forças incríveis para as conquistas que tornam a arborescência possível. Um esforço silencioso, solitário, que se reflete na conquista exposta pelo tronco e ramificação da copa. Elas nos levam ao mundo do inconsciente, que, por desconhecido, é misterioso e obscuro (Figura 2).

As raízes arbóreas são capazes de penetrar nas profundezas da terra e de lá extrair uma espécie de conhecimento do submundo, de tudo aquilo que não está aparente e visível. Elas aprofundam no solo e vão à busca do que existe em nós, ignorado, como vemos nos versos de Manoel de Barros:

[...] Gâmbias dispersas,
Cata-vento. Perto
Havia um barco.
Barco ou peixe?
Não pude precisar.
Vi o homem andando para semente de árvore
e a semente no escuro remando para a raiz

(BARROS, 2010, p.56-57)



Figura 2: Figueira (*Ficus benjamina* L.) com suas raízes.
Foto: Jorge Crichyno, 2015.

Encontramos, portanto, nas raízes, o caminho para expressar o devaneio de nossos mais profundos desejos, sonhos, mesmo aqueles que não admitimos tê-los. Neste mundo radical, podemos alçar altos voos, num ensaio sem pudores ou regras, permitindo-nos o sonho mais provável, criativo, e talvez, proibido. Podemos perceber também expressões do devaneio poético dos sujeitos e das raízes arbóreas no poema de Carlos Drummond de Andrade:

[...] Mas faminto de seres
e situações patéticas,
de encontros ao luar
no mais profundo oceano,
sob a raiz das árvores
ou no seio das conchas [...]

(ANDRADE, 1987, p.128)

Essa viagem, à qual o devaneio da árvore subterrânea nos induz, é fundamental para alcançarmos, no nosso objeto fenomenológico, onde as imagens não contaminadas pelo mundo visível, facilitam o contato com o processo criativo, no qual a emoção poética de Manoel de Barros exprime em versos sua emoção poética e sua identificação com as raízes da árvore.

[...] poesias, a poesia é

- é como a boca
dos ventos
na harpa

nuvem
a comer na árvore
vazia que
desfolha a noite

raiz entrando
em orvalhos [...]

(BARROS, 2010, p.109)

A principal função simbólica das árvores é a de ligar a terra ao céu. A forma tortuosa dos galhos e ramos da copa reforça a semelhança das vivências entre estes dois mundos arbóreos. Os galhos e ramos têm a mesma dificuldade de se desenvolver que as raízes, pois, caso contrário, eles seriam retos (Figura 3).

Nessa imagem poética, o confronto que a árvore estabelece com o vento é apontado como a razão que explicaria dessa dificuldade. O confronto surge, pois a árvore impede o vento de realizar a tarefa que se propõe que é a de separar o céu da terra.

Ela não apenas é bem sucedida neste embate, como reforça ainda mais esta ligação. Algo que poderia se assemelhar como o que ocorre com os sujeitos nas relações com as dificuldades do mundo (lugar).

Podemos perceber isso nos versos do poema de Manoel de Barros, que expressam o sentimento de adaptação perfeita entre o devaneio arbóreo dos sujeitos e sua interação mágica com o desejo de metamorfose de virar árvore:



Figura 3: Tamboril (*Enterolobium contortisiliquum* Morong.) e suas raízes.
Foto: Jorge Crichyno, 2015.

[...] Abriu-se
uma pedra
certa vez:
os musgos
eram frescos ...

As raízes das árvores
me ensinavam de chão.
Fui aprendendo com o corpo.

Hoje sofro de gorjeios
nos lugares púidos de mim.
Sofro de árvores.

(BARROS, 2010, p.115)

Portanto, o mistério ronda o imaginário arbóreo e a tentativa de descoberta de seu mundo é um convite constante ao conhecimento e à interrogação. Parte da árvore se esconde nas profundezas da terra e mescla mistério e inconsciente.

Ao inverso da árvore que esconde e cria o mistério, vamos descobrir a árvore surpreendente de Burle Marx, que se revela a partir da sua ausência. O paisagista, que, muitas vezes, também usa quando nega à árvore a sua presença na paisagem. Isto pode ser observado no poema de Manoel de Barros:

No fim de um lugar
você veio ficou de pé
no espinheiro pedrento do rochedo
e se atravessava uma coisinha branca na voz.

[...] Fui buscar um gosto leve
naquilo árvore
naquilo casa-de-pássaros.
- Você me esperava?

[...] Eu não sei bem o que houve
no fim desse lugar
pois andou nele a raiz da árvore
de uma voz que crescia na relva dos peixes.

BARROS, Manoel de.
No fim de um lugar

(BARROS, 2010, p.112-113)

No Parque do Flamengo, existem lugares onde a árvore é ausentada para que o seu negativo, o seu inverso, seja o vislumbre da paisagem. É a árvore em seu papel surpreendente de revelar-se como lugar e como paisagem (Figura 4).



Figura 4: A árvore Sapetiaba (*Bumelia obtusifolia* Roem.) e seu inverso ausente – a paisagem do entorno do Parque do Flamengo.

Foto: Jorge Crichyno, 2014.

Assim, a identificação da árvore com a paisagem urbana pode ser percebida nas palavras de Manoel de Barros, que expressam os mistérios das raízes:

A boca na pedra o levava a raízes
a praça o relvava de passarinhos cantando
ele tinha o dom da árvore
ele assumia o peixe em sua solidão

seu amor o levava a pedra
estava estropiado de árvore e sol
estropiado até a pedra
até o canto estropiado no seu melhor azul
procurava-se na palavra rebotalho
por cima do lábio era só lenda

comia o ínfimo com farinha
o chão viçava no olho
cada pássaro governava a sua árvore
Deus ordenara nele a borra
o rosto e os livros com erva
andorinhas enferrujadas

(BARROS, 2010, p.125)

ÁRVORE COLUNA: SUSTENTAÇÃO E TRONCOS ESPACIAIS

O tronco da árvore, expressa a verticalidade arborescente, pois esse sentido vertical da árvore coluna é uma das nuances mais impactantes da essência arbórea e, portanto, uma **estrutura imaginante** das mais (re)presentativas, com forte sentido de positividade. O fato de que sua estrutura aparente é ascensional, dirige-se ao alto, e preponderante em seu arquétipo, mesmo se as raízes efetuam o movimento exatamente ao contrário, já que este é o seu movimento invisível, de caráter subliminar.

Bachelard nos diz que “a árvore erecta conduz uma vida terrestre ao céu azul” (BACHELARD, 2001, p.263), reunindo e ordenando os elementos mais diversos na constante procura pelo seu equilíbrio aéreo (Figura 5).

O devaneio nas alturas induzido pela imagem-árvore alimenta o instinto de verticalidade dos sujeitos, e nessa elevação que experimentamos, nos abstraímos do “mundo-da-vida cotidiana” e buscamos atingir um mundo cósmico.

A verticalidade é também a ligação entre a chama e a árvore, visto que em todo “Ser” reina uma chama de vitalidade. E o símbolo da verticalidade arbórea torna-se o suporte do elemento edificado pelos sujeitos e passa a adquirir significados tanto religiosos quanto simbólicos, pois esta verticalidade é responsável pela conexão entre céu e terra, entre o divino e o humano. O esplendor da chama vital é como de uma explosão flamejante de uma copa de árvore florida sustentada pelo tronco.

O ardor induzido pela luminosidade desse evento nos reporta à árvore como síntese de vários elementos da natureza, por contê-los e envolvê-los em seu **imaginal** de alguma forma. O fogo latente que habita a essência arbórea aflora no sentido vertical da chama e na floração da copa das árvores.



Figura 5: Árvore erecta Pinheiro Bravo (*Podocarpus lambertii* Klotzsch).

Foto: Jorge Crichyno, 2015.

Nelas, a floração e a chama acumulam-se no esforço da imagem verticalizada, que direciona ao alto, pois a imagem-árvore como impulsão elevadora dinamiza o devaneio dos sujeitos, configurando um sentido

Fenomenologia do lugar poético no imaginário arbóreo do Parque do Flamengo
Jorge Crichyno

simbólico para o lugar - o lugar arborescente. Cecília Meireles, ao compor seu poema enaltecendo o caule das altas árvores, faz referência aos sons que se propagam sob a ação da força dos ventos nas árvores.

Estas altas árvores
são umas arpas verdes
[...] que tange o vento

Vêm os sons mais claros
da amendoeira amarela [...]

Os sons mais frágeis nascem
na fronde da acácia [...]

Os mais graves escorrem
das negras mangueiras antigas [...]

Os sons mais longínquos e vagos dos caules
vêm dos finos ciprestes [...]

(MEIRELES, 1983, p.294)

Em seu vegetalismo verticalizante, a árvore materializa-se simbolicamente, por exemplo, na metáfora do pilar arquitetônico. A árvore surge como uma coluna verticalizante, como árvore do centro do mundo (lugar), tendo o tronco como antecedente da função do pilar como sustentação estrutural da árvore-coluna (Figura 6).

ÁRVORE ABRIGO: CÉU E RAMOS CÓSMICOS

A árvore se revela como uma espécie de morada – o “habitar”, seja em sua copa de abrigo, também numa espécie de ninho que suscita “a reminiscência do homem arborícola” (BACHELARD, 2001, p.272).

Mas a árvore, que permite ao sonhador alçar as alturas no cume dos mais altos ramos (Figura 7), como um ninho ao sabor dos ventos, também lhe traz a sensação do perigo, com o espaço vazio, aberto logo abaixo. Um devaneio de liberdade na árvore que se faz



Figura 6: Árvores-colunas (*Ficus pertusa* L.) em analogia ao pilar arquitetônico no Parque do Flamengo.

Foto: Jorge Crichyno, 2015.

ninho e que abriga o pássaro, assim, Bachelard compreende que “a árvore é uma reserva de voo” (BACHELARD, 2001, p.274). Na árvore como abrigo e sua copa, encontramos o sentido de acolhimento que Bachelard explicita na imagem do “ninho”, aquela sob a qual podemos devanear, recolhendo-nos à sua proteção. Estar próximo às



Figura 7: Exemplar de *Pseudobombax ellipticum* Dugand com sua floração.
Foto: Claudio Machado, 2013



Figura 8: Exemplar de Salgueiro Chorão (*Salix babylonica* Mart.) com sua copa-abrigo como atrativo para os sujeitos.
Foto: Jorge Crichyno, 2015.

árvores, penetrar profundamente em seu mundo, é abrigar-se, é fazer-se ninho (Figura 8).

O abrigo que é (re)presentado na imagem-árvore significa a obtenção da segurança dos sujeitos às exterioridade do mundo constituído, à semelhança dos pássaros e de outros animais. Como no mito grego de Daphne, no qual a deusa caçadora refugia-se do perigo a partir de sua metamorfose em um loureiro.

Em “O Barão das Árvores” obra de Ítalo Calvino (1996), o personagem principal, em seus doze anos, opta por viver nas árvores, como forma de expressar sua rebeldia e defender suas ideias. As árvores passam a ser o seu lugar, mas também seu abrigo e seu refúgio. Mas, além disso, as árvores eram para Cosme a sua liberdade. Bachelard fala desta dualidade na imagem poética da árvore – “o ninho e a liberdade”

(BACHELARD, 1999, p.272). Assim, a árvore se revela como uma morada e ao mesmo tempo voo de liberdade, entregue ao vento.

Essas imagens sugerem antagonismo e que configuram a elasticidade do símbolo arbóreo. O personagem Cosme, através das árvores, podia viajar pelo mundo sem colocar os pés no chão. Do alto das árvores ele participa do “mundo-da-vida cotidiana” e dos acontecimentos, mas passa a ser uma testemunha que vê o mundo de um ângulo particular, o de cima da copa das árvores. Essa condição lhe permite outro olhar sobre a vida, a partir do seu lugar à parte, do corpo arbóreo.

A árvore no cotidiano urbano, companheira incondicional, é também a que oferece o abrigo e o aconchego ante a adversidade da vida na cidade. Sua “paz de agasalho” nos descortina um mundo sereno, um lugar de devaneio terno e acolhedor que a árvore urbana, tão próxima,

nos provoca e evoca (Figura 9). Isso pode ser observado nos seguintes versos do poema de Carlos Drummond de Andrade:

Era uma árvore no passeio
e fosse o tempo claro ou feio,
havia uma paz de agasalho
dependurada em cada galho da copa
de nossa amiga árvore [...]
Ante a matutina janela,
jovial e simples, estava ela,
primeira vizinha a saudar-me [...]

(ANDRADE, 2001, p.374)



Figura 9: Exemplar de *Swartzia langsdorffii* Raddi que abriga sob sua copa o encontro de um grupo de sujeitos.

Foto: Jorge Crichyno, 2015.

Impulsionada pela sua respiração cósmica, a árvore é capaz de gerir todos os seres na Terra. É novamente a presença da árvore como doadora de vida e, também, a compreensão da árvore como abrigo responsável pelo “pouso” seguro dos sujeitos e de todos os seres sobre a superfície terrestre.

Um aspecto interessante refere-se ao “Ser” urbano que pode contar com a árvore como recurso do habitar e da habitação informal. Frente ao desespero da necessidade do abrigo, à rejeição enfrentada por muitos sujeitos, habitantes da cidade à procura de um teto para morar, a árvore acolhedora lhe apresenta a solução.

No Parque do Flamengo, observamos no estudo de campo, a presença de diversos sujeitos que se apropriavam das árvores como moradia (o habitar) durante o dia para o descanso e lazer, e à noite, para dormirem e abrigar seus objetos e pertences.

Nas palavras de Carlos Drummond de Andrade e de Cecília Meireles podemos observar o devaneio poético relacionado com a copa das árvores e os sentimentos humanos tomados emprestados através da simbologia arbórea:

[...] Amor é bicho instruído.

Olha: o amor pulou o muro
o amor subiu na copa da árvore
em tempo de se estrepar.
Pronto, o Amor se estrepou . [...]

(ANDRADE, 1987, p.145)

A ventania misteriosa
passou na copa da árvore cor-de-rosa
e sacudiu-a como um véu [...]

(MEIRELES, 1983, p.132)

Portanto, o homem habita quando é capaz de concretizar o mundo (lugar). E essa “concretização” é função da obra de arte em oposição à abstração da ciência. As obras de arte concretizam o que fica “entre” os puros objetos da ciência.

Nosso “mundo-da-vida cotidiana” consiste nesses objetos “intermediários”, e compreendemos que a função essencial da arte é reunir as contradições, as instabilidades, as complexidades e as intersubjetividades do mundo (lugar). Sendo uma *imago mundi* (a reprodução do ato primordial da criação do Cosmos), o poema como obra de arte ajuda o sujeito a habitar o mundo (lugar). O poeta Friedrich Hölderlin estava certo quando disse:

Cheio de mérito, mas poeticamente, o homem
Habita nesta terra.

HÖLDERLIN, Friedrich.
Reflexões (Tradução de Márcia de Sá Cavalcante e Antonio
Abranches, 1994, p.58)

Esses versos dizem que os méritos do sujeito não contam muito se ele é incapaz de habitar **poeticamente**, isto é, de habitar no verdadeiro sentido da palavra. Heidegger afirma o seguinte: “O poema não voa acima e sobrepuja a terra a fim de escapar dela e de pairar sobre ela. O poema é o que primeiro traz o homem para a terra, fazendo-o pertencer a ela, e assim trazendo-o à morada” (HEIDEGGER, apud NORBERG-SCHULZ, 2008, p.459).

Segundo Heidegger, o poema fala por imagens e a natureza da imagem é deixar ver. Para Bachelard, o poema é essencialmente uma aspiração a imagens novas, correspondendo à “necessidade essencial de novidade que caracteriza o psiquismo humano” (BACHELARD, 2001, p.2). Para esse filósofo imaginar é ausentar-se, é lançar-se a uma vida nova.

Somente o poema, em todas as suas formas (e também a “arte de viver”) dá sentido à vida humana, e o significado é a necessidade humana fundamental. Quando Deus disse a Adão: “Serás um fugitivo e um peregrino na Terra” (GÊNESIS, 4:3), pôs o homem frente a frente com o seu problema fundamental: atravessar a soleira e reconquistar o lugar perdido. Quem sabe, sonhar o lugar arborescente?

Para Norberg-Schulz (1980), as árvores, da mesma forma que outros elementos naturais primários, como rochas e água, representam um lugar significante ou sagrado, mas estes lugares sagrados não são escolhidos pelos sujeitos, revelam-se a eles.

A Árvore da Vida, plantada desde a origem até o fim dos tempos, é doadora de imortalidade, e seu fruto é reservado aos justos, transformando-se no símbolo da morte e da ressurreição (PARISOT, 1998). Segundo o livro do Gênesis, a Árvore da Vida é uma entre as duas plantadas no meio do jardim do Éden, onde lavé dispôs o homem, ao lado da fonte dos quatro rios que banham o mundo (GÊNESE, 2:16-17 apud PARISOT, 1998, p.44). Ao lado dela, está a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal, cujos frutos eram proibidos para Adão e Eva, e que, muitas vezes, por isso, é considerada a “Árvore da Morte”.

Portanto, a noção de lugar, do modo como é apropriado pode variar de conteúdo mais concreto ao conteúdo mais metafórico. Em termos existenciais, o lugar arbóreo se realiza como um conjunto de relações socioambientais criadas no processo do habitar humano (HOLZER, 2012). Segundo esse autor:

O sentido de lugar está internamente conectado com o ego e com o tempo. Lugar, tempo e ego compõem uma ‘hélice tripla’ cujas espirais se projetam para fora promovendo o encontro do sujeito com o mundo. Essa hélice, na literatura e na arte, são marcadores espaciais e temporais da vida humana, pois são fundidos em um todo concreto (HOLZER, 2012. p.21).

CONCLUSÃO

Este artigo, síntese de nossa tese de doutorado, se fundamentou a partir de uma visão filosófica e geográfica no contexto dos estudos urbanos, que buscou descobrir novos olhares e novas interpretações sobre a fenomenologia do lugar poético referente ao imaginário arbóreo do Parque do Flamengo.

A árvore possibilita a expansão dos limites da imaginação, obtendo estes efeitos de variedade e incerteza, o sentido de não ver tudo e dando uma latitude à imaginação com respeito àquilo que não se vê (CALVINO, 1990).

Com o que apresentamos neste estudo, acreditamos ter contribuído para que a complexidade do imaginário arbóreo possa ser mais compreendida, a partir de uma metodologia que nos permitiu uma aproximação com a dimensão imaginária da poética do lugar arborescente, tão distante de nossas questões cotidianas, de teor mais palpável.

Para alcançar este objetivo nos baseamos na concepção fenomenológica do imaginário delimitada por Gaston Bachelard que utilizou dos recursos da “poético-análise”, a partir do estudo de fontes poéticas (poemas) para compreender a cartografia dos **movimentos da imaginação**, lançando a ideia de que tais recursos estariam ancorados nas raízes da materialidade do mundo (lugar).

Nesse sentido, trabalhamos com a premissa de que a análise e interpretação de fontes poéticas (poemas) podem elucidar e revelar os dinamismos indutores do imaginário arbóreo, com base nos significados e valores simbólicos para os sujeitos e presentes na fenomenologia das estruturas imaginantes da árvore como lugar poético, no Parque do Flamengo.

Desse modo, a identificação das estruturas imaginantes, instauradas pelas nuances da imagem-árvore, e dos diferentes planos em que elas são ressignificadas no contexto da paisagem urbana do Parque do Flamengo, possibilitou uma visualização poética relacionada ao imaginário arbóreo urbano.

Ao investigarmos as modulações da imagem-árvore na poética do imaginário urbano, várias análises nos levaram a estabelecer essa relação, mostrando que essas dimensões estão conectadas, muitas vezes, pelo significado profundo, explicando uma determinada aptidão funcional da árvore.

A árvore apresenta-se, como símbolo potente e seguro, que nos faz elevá-la à categoria de símbolo estável. Essa estabilidade simbólica, uma das maiores dentre outros elementos da paisagem, hoje se coloca como um fator fundamental, visto que na pós-modernidade, enfatiza-se a instabilidade do significado dos símbolos, e encontra-se aguçada a nossa habilidade de inverter sinais e signos, reciclá-los num contexto diferente e transformar sua referência (DANIELS; COSGROVE, 2002).

A árvore urbana constitui uma oportunidade para recuperar, como um símbolo e um arquétipo expressivo, o que Gilio Dorfler (1975) aponta como sendo a qualidade natural do símbolo, visto que, na atualidade, temos a máquina ocupando amplamente esses espaços. Assim, o significado arbóreo no contexto da poética do lugar relacionado ao imaginário urbano está acima, muitas vezes, do tempo ou dos estilos arquitetônicos, urbanísticos e paisagísticos.

O símbolo arbóreo não é apenas múltiplo, mas é também a capacidade de flutuar entre significações diametralmente opostas, tais como: vida e morte, sagrado e profano, adequação e rebeldia, refúgio e perigo, dia e noite, infernal e celeste, ar e terra. Essas interações estão relacionadas às modulações da imagem-árvore, que fazem do devaneio do lugar poético arbóreo um devaneio particular,

que excede em suas repercussões e ressonâncias ao infinito e acolhe os temperamentos mais divergentes dos sujeitos urbanos e suas estruturas sociais e culturais.

Na perspectiva de estudar a poética do lugar arbóreo no Parque do Flamengo a partir das nuances da imagem-árvore em termos da construção de uma paisagem significativa, a análise das estruturas imaginantes nos revelou como a árvore é capaz de inflar a paisagem de valores e significados simbólicos profundos, existenciais, possibilitando ser experienciados pelos sujeitos urbanos.

Sentimentos de afeição que surjam entre os sujeitos urbanos e determinadas espécies arbóreas também influem na definição de uma paisagem significativa, como é o caso do objeto de estudo do Parque do Flamengo.

As conjunções cósmicas das árvores nos ajudam a compreender o contentamento que elas (re)presentam nos espaços livres urbanos: a memória mineralizada em seus troncos, o fogo verticalizante em suas flores e alastrado em seus ramos, o ar multiplicado em suas copas e a água irradiada a partir de suas raízes que transbordam da superfície.

A árvore da cidade urbaniza essas cosmicidades. Ter o domínio dessas essências expostas no “Ser arborescente” e suas repercussões e ressonâncias na paisagem e nos sujeitos que habitam seus lugares poéticos, apresentam-se como um aporte fenomenológico fundamental para compreendermos o devaneio do imaginário arbóreo na poética da paisagem.

Portanto, no nosso estudo foram consideradas as reflexões teóricas e os procedimentos metodológicos que tiveram por base a concepção filosófica de cunho fenomenológico, no qual a premissa lançada de que a análise e a interpretação de fontes poéticas literárias (poemas) podem elucidar e revelar os dinamismos indutores do imaginário arbóreo urbano, a partir dos significados e valores simbólicos presentes

na fenomenologia das estruturas imaginantes da árvore como lugar poético no Parque do Flamengo (Figura 10).

Na elaboração de novos projetos urbanos na paisagem, as árvores são fundamentais, pois elas são capazes, como nos informa Jacques Brosse (1998), de comunicar por canais que ainda não podemos explorar. Tirando partido de sua utilização em projetos urbanos, podemos ascender a esses canais, estabelecendo conexões simbólicas de apego aos sujeitos, que não seriam possíveis por meio de outro elemento urbano.

Para isso, os estudos fenomenológicos são de grande relevância, auxiliando a ultrapassar o que segundo Norberg-Schulz (1997), chama de “esquecimento do Ser”, algo que tanto caracteriza nossa época contemporânea.

Esperamos, assim, que este estudo possa contribuir com um novo olhar sobre as árvores urbanas, auxiliando na compreensão da carga imaginária que lhes é inerente. Bachelard nos ensina que:

Um dos encantos da fenomenologia da imaginação poética é poder viver uma nuance nova diante de um espetáculo que convida a conhecer a existência do ser arbóreo. [...] Se a nuance é sinceramente vivida pelo poeta, o fenomenólogo está certo de captar um ponto de partida da imagem (BACHELARD, 1978, p.208).

Em “A Origem da Obra de Arte”, Martin Heidegger estabelece os fundamentos ontológicos do objeto artístico. Para tal, baseia-se no conceito da *alethéia* grega: “a arte é colocar na obra a verdade” (HEIDEGGER, 2000, p.46), ou ainda “a arte é por em operação a verdade do ente”, já que “a verdade como desvelamento e ocultação acontece no poetizar-se” (HEIDEGGER, 2000, p.51). Para Heidegger, a verdade do “Ser” é desvelada no fazer artístico, na *poíesis*.



Figura 10: Parque do Flamengo: lugar-árvore-sujeito.

Fonte: <<http://www.tudomiudo.com.br/event/aterro-do-flamengo/>>, sem autor, 2013.

Necessitamos de uma poética que seja (re)presentativa do imaginário para mergulhar no instante do nascimento da *poíesis*. Heidegger resgata a filosofia originária, na medida em que retoma a ligação entre *poíesis* e verdade: “a arte é um devir e acontecer da verdade”. A verdade do “Ser”, portanto, fundamenta-se na presença poética, pois o poeta eleva o significado das palavras até as regiões sublimes do “Ser” absoluto.

A primazia do “ser poético” gera consequências epistemológicas inevitáveis para o mundo estético: “sendo que a importância de uma coisa ou de um ser não é tirada pelo tamanho ou volume do ser, mas pela permanência do ser no lugar” (BARROS, 2003, XI).

Desse modo, compartilhamos a concepção bachelardiana de que “as palavras sonham” (BACHELARD, 2001, p.18). O tempo poetizado nas palavras do poema

remete-nos, de forma imediata, a um “eu poético” que só pode ser devidamente investigado através de um método fenomenológico “que inclua o primado do imaginário” (BACHELARD, 1999, p.41).

Em “Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência”, Yi-Fu Tuan reforça esse modo de conceber o aprendizado, visto que “experienciar significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é um constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento” (TUAN, 1983, p.10). ○

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond. **Antologia poética**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

ANDRADE, Carlos Drummond. **Crônicas: 1930-1934**. Belo Horizonte: Secretaria do Estado da Cultura de Minas Gerais, 1987.

ANDRADE, Carlos Drummond. **Amar se Aprende Amando**. 5 ed. Rio de Janeiro: Record, 1985.

BACHELARD, G. **La Poétique de la rêverie**. Paris: Presses Universitaires de France. 1960.

BACHELARD, G. A Poética do Espaço. In: BACHELARD, G. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p.181-354. [Col. Os penadores]

BACHELARD, G. **A Psicanálise do Fogo**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BACHELARD, G. **O Ar e os Sonhos: Ensaio sobre a Imaginação do Movimento**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Fenomenologia do lugar poético no imaginário arbóreo do Parque do Flamengo
Jorge Crichyno

BACHELARD, G. **La Flamme d'une Chandelle**. 4 ed. Paris: Quadrige/PUF, 2004.

BARROS, Manoel de. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BROSSE, Jacques. Posface: The Life of Trees. In: RIVAL, Laura (Ed.) **The Social Life of Trees: anthropological perspectives on tree symbolism**. New York: Berg, p.299-303, 1998.

BURLE MARX, Roberto. Árvores Floríferas. In: TABACOW, José (Org.). **Roberto Burle Marx: Arte e Paisagem**. São Paulo: Studio Nobel, 2004.

CALVINO, Ítalo. **Le Baron Perché**. Paris: Éditions du Seuil, 1996.

CALVINO, Ítalo. **Seis Propostas para o Próximo Milênio**. Lições Americanas. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CERBONE, David R. **Fenomenologia**. Tradução de Caesar Souza. Rio de Janeiro/Petrópolis: Vozes (Série Pensamento Moderno), 2013.

CRICHYNO, Jorge. A Árvore Urbana como Símbolo Poético da Memória Social em Bairros Históricos de Niterói. **Geograficidade**, v.3, n.1, p.59-65, Verão 2013.

DANIELS, Stephen; COSGROVE, Denis. Introduction: Iconography and Landscape. In: COSGROVE, Denis; DANIELS, Stephen (Ed.). **Iconography and Landscape: essays on the symbolic representation, design and use of past environments**. Cambridge Studies in Historical Geography. Cambridge: University Press, p.1-10, 2002.

DORFLES, Gilio. **Mythes et Rites d'Anjourd'hui**. Paris: Editions Klincksiek, 1975.

DURAND, Gilbert. **L'Imaginaire: Essai sur les Sciences et La Philosophie d'Image**. Paris: Hatier, 1994. Optiques Philosophie.

FARAH, Ivete. **A Poética das Árvores Urbanas**. Rio de Janeiro: Ed. Mauad X; FAPERJ, 2008.

GRUBER, Jussara Gomes (Org.) **O Livro das Árvores**. Benjamin Constant: Organização Geral dos Professores Ticuna Bilingües, 1997.

HEIDEGGER, M. **Ensaio e Conferências**. Tradução Emmanuel Carneiro Leão; Gilvan Vogel; Márcia Sá Cavalcanti Schuback. Petrópolis. Ed. Vozes, 2008.

HEIDEGGER, M. **A Caminho da Linguagem**. Tradução de Marcia Sá Cavalcante. Petrópolis: Ed. Vozes, 2000.

HOLZER, Werther. O Método Fenomenológico: humanismo e a construção de uma nova Geografia. In: CORRÊA, R. L. e ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EDUERJ, p.37-71. 2010.

LYOTARD, Jean-François. **A Fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, s.d.

OLIVEIRA, Livia; MARANDOLA JR., E. Caminhos Geográficos para a Literatura. In: ALVES, Ida Ferreira; FEITOSA, Maria Miguel (Orgs.). **Literatura e Paisagem: perspectivas e diálogos**. Niterói: EDUFF, 2013.

MARANDOLA JR., E.; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (Orgs.). **Qual o Espaço do Lugar?** São Paulo: Perspectiva. 2012.

MEIRELES, Cecília. **Obra Poética**. Biblioteca Luso-Brasileira. Série Brasileira. Volume Único. Rio de Janeiro: Nova Aguiar, 1983.

MURAD, Carlos. The Tree and the Dreamscape in the photographic imagination. In: **70th Conference of the International Society of Arboriculture**, Halifax: Ed ISA Annual, 1994.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **L'Art du Lieu: Architecture et Paysage, Permanence et Mutations**. Paris: Le Moniteur, 1997.

NORBERG-SCHULZ, Christian. O Fenómeno do Lugar. In: NESBITT, Kate (ed.). **Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)**. São Paulo: COSAC NAIFY, 2008.

PARISOT, Roger. **L'Arbre**. 2 ed. Puisseaux: Pardès, 1998.

POCOCK, D. C. D. The Novelist's Image of the North, Transactions. vol.4, n.1, p.62-76. **Humanistic Geography and Literature – essays on the experience of place**. London: Croom Helm; Totowa, N. J.: Barnes & Noble, 1981.

Fenomenologia do lugar poético no imaginário arbóreo do Parque do Flamengo
Jorge Crichyno

PÖGGELER, Otto. **A via do Pensamento de Martin Heidegger**.
Tradução Jorge Telles de Menezes. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

SANSOT, Pierre. L' Affection paysagere. In: ROGER, Alain (dir.). **La
Théorie du Paysage em France. (1974-1994)**. Seyssel: Editions
Champ Vallon, 1995. p.153-167.

TUAN, Yi-Fu. Place: an experiential perspective. **Geographical Review**,
v.65, n.2, p.151-165, 1975.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**. São Paulo. Difel, 1983, 250p.

WHITE, Kenneth. Elements of Geopoetics. **Edinburgh Review**, v.88,
p.163-178, 1992.

Submetido em Março de 2017.

Revisado em Outubro de 2017.

Aceito em Novembro de 2017.